

‘Nós se damos bem’: um estudo variacionista sobre a reflexivização com dados do português do Brasil

‘Nós se damos bem’: a variationist study on the reflective context with data from Brazilian Portuguese

‘Nós se damos bem’: un estudio variacionista sobre la reflexivización con datos del portugués brasileño

Grace dos Anjos Freire Bandeira 

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Resumo

Neste artigo, trazemos um estudo variacionista sobre o comportamento do pronome reflexivo ‘se’, não só para discutir a noção de reflexivização mas também para descrever os ambientes sintáticos de seu apagamento. Constituímos a amostra de nossa pesquisa com dados do projeto Varsul do estado do Paraná para estudar, à luz de grupos de fatores linguísticos e sociais, a presença de ‘se’ ou a sua ausência. Constatamos, dentre os resultados de nosso trabalho, que a ausência de ‘se’, nosso objeto de estudo, corresponde a 45% de um total de 3829 dados e que o vazio (ou a não lexicalização do anafórico reflexivo) expressa tão somente uma das variantes de nosso estudo, pois que outra, como em ‘Nós se damos bem’, passa a ilustrar uma das tentativas de o pronome ‘se’ manter-se em uso na língua portuguesa do Brasil.

Palavras-chave: reflexivização, variação, português do Brasil.

Abstract

In this article, we bring a variationist study on the behavior of the reflexive pronoun ‘se’, not only to discuss the notion of reflexivization but also to describe the syntactic environments of its erasure. We have constituted the sample of our research with data from the Varsul project in the state of Paraná to study, in the light of groups of linguistic and social factors, the presence of ‘se’ or its absence. We found, among the results of our work, that the absence of ‘se’, our object of study, corresponds to 45% of a total of 3829 data and that the void (or the non-lexicalization of the reflexive anaphoric) expresses only one of the variants of our study, because another, as in ‘Nós se damos bem’, goes on to illustrate one of the attempts to keep the pronoun ‘se’ in use in the portuguese language of Brazil.

Keywords: reflexivization, variation, portuguese of Brazil.

Resumen

En este artículo, presentamos un estudio variacionista sobre el comportamiento del pronombre reflexivo ‘se’, no solo para discutir la noción de reflexivización sino también para describir los entornos sintáticos de su borrado. Constituímos la muestra de nuestra investigación con datos del proyecto Varsul en el estado de Paraná para estudiar, a la luz de grupos de factores lingüísticos y sociales, la presencia de ‘se’ o su ausencia. Descubrimos, entre los resultados de nuestro trabajo, que la ausencia de “se”, nuestro objeto de estudio, corresponde al 45% de un total de 3829 datos y que el vacío (o la no lexicalización de ‘se’) expresasolo una de las variantes de nuestro estudio, ya que otra, como en ‘Nós se damos bem’, ilustra uno de los intentos de mantener el pronombre ‘se’ en uso en el idioma portugués de Brasil.

Palabras clave: reflexivización, variación, portugués brasileño.

Introdução

Nossos estudos em torno do reflexivo ‘se’ iniciam-se por demonstrar que são muitos os ‘ses’ de nossa língua portuguesa. Além do que nos é dado a conhecer pela Tradição Gramatical (MATTOS e SILVA, 1989, p.13), é possível também reportar-nos, por exemplo, às descrições de Nunes (1995), Menon (1994), Galves (1996), Cyrino (2000) e Perini (2003). À luz desses estudos, nós nos deparamos com o ‘se’ reflexivo, o recíproco (que distinguimos do primeiro), o inerente, o apassivador, o indeterminador, o ergativo e o enfático; corroborando, desta maneira, o que diz Ilari sobre o exercício pelo ‘se’ de diversas funções: “as principais novidades na sintaxe dos pronomes afetam o reflexivo *se*, que assume algumas funções totalmente desconhecidas na sintaxe clássica” (ILARI, 1992, p. 106).

Vencida a etapa de descrição desses ‘ses’, definimos a nossa variável dependente (presença/ausência de ‘se’) e constituímos 8 (oito) variáveis linguísticas e 4 (quatro) sociais para dar, aos dados coletados, o tratamento previsto pela Sociolinguística Quantitativa de Labov (1972). Nosso *corpus* se constitui, por ocasião da rodada-teste, de um total de 3920 dados, e é parte do banco de dados do Projeto VARSUL – Variação Linguística na Região Sul do Brasil; donde selecionamos, para o estudo acerca do comportamento de ‘se’, os dados relativos às cidades de Curitiba, Irati, Pato Branco e Londrina (todas do estado do Paraná).

Nossa pesquisa parte do que chamamos de estranhamento diante de realizações de fala como as que registramos em (1). Nelas, embora esperássemos o emprego do reflexivo ‘se’ porque orientados por uma forma de prestígio de uso da língua – a forma padrão, não foi o que aconteceu. A esse respeito, Bechara cita os verbos ‘chamar’, ‘machucar’, ‘formar’, dentre outros, para dizer que “elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua portuguesa” (BECHARA, 2004, p. 224).

- (1) João forma no próximo período. Minha mãe aposentou nova. Ele machucou e não sabe como.¹

A propósito, estudos e seus resultados têm apontado a tendência de apagamento do reflexivo ‘se’ em regiões do Brasil. Veado (1982, p. 45), por exemplo, dá a conhecer o dado em (2), para tratar da ausência de ‘se’ no dialeto de Sanfranciscana de Januária, microrregião do estado de Minas Gerais. Nesta região, segundo a autora, a fala cotidiana de seus residentes não-escolarizados indica que, à exceção do único dado em (3), o ‘se’ “não faz parte do sistema linguístico em uso efetivo e natural do dialeto rural” (VEADO, 1982, p. 50).

¹ São realizações do nosso cotidiano os exemplos com que ilustramos o apagamento de ‘se’ no português do Brasil.

(2) Ele envenenou e morreu.

(3) A gente tem que se virá.

Também Lemle (1985) discute, numa perspectiva gerativa, a aceitabilidade de uso de 'ele' em lugar das formas reflexivas 'se, si, consigo', tal como em (4), em relação aos dialetos mineiro e carioca. Sobre o emprego de um 'ele', de interpretação reflexiva, a autora afirma haver algo em comum entre as duas divergências interdialetais;

Na primeira, podemos dizer, indo do dialeto carioca para o dialeto mineiro, que a palavra *ele* passou de pronome a anáfora. Na segunda, indo na mesma direção Rio-Minas, podemos dizer que a anáfora se esvaiu. É tentador olhar para essas duas mudanças procurando relacioná-las. O pronome, enfraquecido, com a perda do seu poder de possuir um índice referencial próprio, se transforma numa anáfora. Na anáfora, o enfraquecimento é o total esvaimento morfológico (LEMLE, 1985, p. 123).

(4) Ele vê ele (mesmo) no espelho.

Para comunicar os percentuais de presença de 'se' no Rio de Janeiro e na zona rural de Manhuaçu (fronteira de Minas com o Espírito Santo), D'Albuquerque (1988, p. 97) cita os dados em (5) e conclui que, para as estruturas reflexivas, o percentual de presença em Minas era de 35% e no Rio de 81%; para as recíprocas, 53% e 88% respectivamente; para o *se* indeterminador, 1,5% de presença em Minas e 27% no Rio. Considerando tais resultados, D'Albuquerque afirma que "o fenômeno do desaparecimento dos clíticos existe e mostrou-se num nível mais adiantado em Minas Gerais, na cidade de Manhuaçu, do que no Rio de Janeiro" (D'ALBUQUERQUE, 1988, p. 114).

(5) Os dois estão beijando. Eu saí e diverti muito. Eu machuquei.

Com um *corpus* constituído por 68 entrevistas do Projeto NURC/SP, Menon (1994, p. 135) estuda a indeterminação do sujeito no português do Brasil. Ao registrar 12 variantes da indeterminação, dá destaque ao que chamou de 'verbo na 3ª pessoa do singular sem sujeito expresso', portanto quando não for possível a recuperação do referente. Para exemplificar este recurso de indeterminação do sujeito, a autora se vale do exemplo, em (6), de Guérios (1964, p. 136), que traz um uso equivalente a 'Procuram um pedreiro' ou 'Procura-se um pedreiro'.

(6) Procura um pedreiro.

Sobre o mesmo tema, Nunes (1995) propõe seis classes de 'se' à luz de critérios gerativistas. Com o estudo de 2675 dados, conclui, referindo-se a exemplos como em

(7), que “é tendência geral um crescente favorecimento à supressão do clítico anafórico” e que “os dados demonstram que essa mudança em curso é sensível ao tipo de clítico anafórico, ao tipo de verbo a que o clítico está associado e à grade temática de tal verbo” (NUNES, 1995, p. 204).

(7) Ele (se) chama João. Ontem eu (me) levantei bem tarde.

Ainda em relação à indeterminação do sujeito, Ilari *et al.* (1996) citam o exemplo em (8), do NURC/POA, para ilustrar a indeterminação que pode ser expressa por meio da 3ª pessoa do singular, com ou sem o ‘se’. Para os autores, “o que parece claro é que esse uso da terceira pessoa do singular sem sujeito expresso está pelo uso da forma *se* + terceira pessoa do singular” (ILARI *et al.*, 1996, p. 106). Neste trabalho, os autores chegam a tratar de um ‘se’ que não exprimiria qualquer papel profundo e que seria parte de uma conjugação intrinsecamente pronominal (ILARI *et al.*, 1996, p. 163).

(8) Doc- E queijo, não se fazia queijo? Inf – Ah queijo pode fazer mas na fazenda não se fazia muito porque o ganho é pouco e tem que manter um certo status. (grifo nosso)

Um outro estudo sobre a ausência de ‘se’ toma a trajetória desse pronome como um processo de gramaticalização² e cita os valores de ausência de ‘se’ em relação aos cinco verbos que estão a seguir: casar (82%), formar (86%), lembrar (88%), ordenar (67%) e aposentar (100%); e isso para afirmar que o índice médio de frequência do apagamento do pronome *se* é de 85% e o de presença, apenas 15% (LIMA, 2006, p. 107).

Depois de conhecermos esses e outros tantos trabalhos que dizem respeito ao comportamento sintático de ‘se’, assumimos este pronome como nosso objeto de investigação, com o objetivo de estudar se a tendência ao apagamento de ‘se’, apontada pelas pesquisas consideradas, poderia aplicar-se às quatro cidades do Paraná (antes identificadas) do Projeto Varsul. Nossa pesquisa demonstrou que, também em relação ao Paraná, podemos falar de apagamento de ‘se’. A título de exemplo, citamos a variável *localidade* cujos valores, em termos de pesos relativos de ausência, são os seguintes: .71 em Londrina, .67 em Curitiba, .45 em Pato Branco e .25 em Irati (BANDEIRA, 2007, p. 221).

Demonstramos também, ao considerarmos a variável sexo, só selecionada para a cidade de Pato Branco e com peso relativo de ausência de .59 para o sexo feminino, que, naquela cidade, são as mulheres que encabeçam o uso da variante inovadora (o

²De acordo com Hopper e Traugott (1993, p. 87), a gramaticalização expressa uma evolução onde unidades linguísticas perdem complexidade semântica, significância pragmática, liberdade sintática e substância fonética.

apagamento). Noutras palavras, podemos afirmar que as patobranquenses preferem a variante *vazio*; o que, segundo o que propõe Tarallo, pode explicar-se pelo fato de a “anáfora zero carregar estigma sociolinguístico menos acentuado” (TARALLO, 2005, p. 43).

No que se refere, por fim, à variável faixa etária, selecionada estatisticamente para Irati e Pato Branco, podemos relacionar o apagamento aos informantes da primeira faixa etária do Projeto Varsul, isto é, aos mais jovens, tanto de um quanto de outro lugar: .73 de ausência em Irati; .56 de ausência em Pato Branco; o que nos permite, linhas gerais, recuperar a pesquisa de Duarte que concluiu sobre “a ausência absoluta de clíticos na fala dos jovens” (DUARTE, 1989, p. 27).

Neste artigo, no entanto, o que desejamos considerar, especialmente, é um conjunto de dados que, por ocasião dos estudos descritivos sobre tal pronome no Paraná, denominamos de ‘dados excluídos’ porque não pudemos, à época, identificar com os grupos de ‘se’ que assumimos na pesquisa (BANDEIRA, 2007, p. 149-159; 209-214). É deste ‘se’, no contexto de uso com que abrimos este artigo – ‘nós se damos bem’, que pretendemos tratar.

1. A noção de Reflexivização

Relacionando a função reflexiva às noções semânticas de *agente* e *paciente* do processo verbal, Bechara propõe que “a função inicial e própria do pronome *se* é, como em latim, a de reflexivo, isto é, faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou. Exemplo: *O homem cortou-se*. Indica, pois, ao mesmo tempo, atividade e passividade” (BECHARA, 1996, p. 313). Neste sentido, o pronome *se* é chamado reflexivo porque pode recuperar o sujeito gramatical que é agente e paciente da ação expressa pelo verbo: é o homem quem corta e corta a si mesmo.

Diferentemente, Said Ali trata de um ‘se’ que expressa envolvimento do sujeito no processo verbal, não necessariamente agentividade e passividade. Para ele, não se conceberia “a pessoa como agindo ou praticando tal ou tal ato sobre si, o que se anuncia é um estado d’alma, um afeto, um sentimento” (SAID ALI, 1957, p. 91). Nestes termos, a reflexividade contemplaria também os casos em que o sujeito gramatical não é agente da ação verbal, tal como em “assustar-se, aborrecer-se, casar-se, reunir-se, formar-se, separar-se, aposentar-se”, por exemplo. Dizer ‘ele se assustou’ significa dizer que ‘ele ficou assustado’; donde o que se tem é a expressão não de uma ação do sujeito gramatical sobre si mesmo, mas de um estado dele: *assustado*. Em resumo: reflexivo é o *se* porque pode refletir (como num espelho) o termo a que se refere; e, ao refleti-lo, dobra-o.

Voltando-nos à imagem do espelho, lembramos Ilari *et al.* para quem a reflexivização (com o pronome reflexivo/recíproco ‘se’) é “o principal fenômeno de

coindexação obrigatória em português” (ILARI *et al.*, 1996, p. 134). Reportamo-nos também a Perini que traz o exemplo em (9) sobre o qual afirma que “Guilherme é o SN₁ mencionado na regra, e o reflexivo é o SN₂” (PERINI, 2003, p. 279). Neste caso, o autor diz que Guilherme e o reflexivo ‘se’ devem ser marcados como correferentes.

(9) Guilherme se penteou.

A este respeito, Ribeiro (1920) faz notar que:

há ainda a fôrma da terceira pessoa pronominal denominada *pessoa reflexiva*, que é a que ocorre no discurso indicando relação de identidade com o sujeito. Esta pessoa é determinada pelos accusativos das duas primeiras, *me*, *te*, e por uma fôrma *se* (RIBEIRO, 1920, p. 27).

Em Ribeiro, portanto, não lemos sobre a coindexação, nem sobre a correferência, mas sobre uma relação que ele nomeia como de identidade; daí propor que cada pessoa gramatical tem uma pessoa reflexiva correspondente, com quem guarda uma relação de identidade, tais como eu e me, tu e te, ele/ela e se, nós e nos etc.

A seu modo, cada um dos autores antes citados atribui ao *se* (e a outros em igual contexto de uso) a função de poder recuperar o sujeito sintático de uma frase; o que nos encaminha, por conseguinte, à função anafórica. Nesta função, pressupõe-se um movimento retroativo, que pode ir além do contexto linguístico e da relação anaforizado-anaforizante. No dizer de Mattoso Câmara, a anáfora é “qualquer referência a um termo já constante do contexto” (MATTOSO CÂMARA, 1964, p. 36). Como desdobramento de tal conceito, tem-se justificado o emprego de ‘clíticos anafóricos’ para nomear *me*, *te*, *se*, *nos* e *vos* em contexto de reflexividade (NUNES, 1995).

Sob os domínios da anaforização, passamos, então, a contar com um ‘me’ que recuperasse um ‘eu’, um ‘te’ que retomasse um ‘tu’, e assim, sucessivamente, em relação a todos os demais pronomes. O que nossos resultados demonstraram, no entanto, além da ausência de ‘se’ nos contextos sintáticos estudados, é que uma terceira variante se mostrou muito produtiva entre os nossos dados: aquela em que o ‘se’ construía identidade com pronomes-sujeito distintos de ‘ele, ela, eles ou elas’, tal como em (10), que é um dado da cidade de Curitiba e de um informante com 8 (oito) anos de escolaridade. Nele, não se diz ‘Nós nos damos bem’, mas ‘Nós se damos bem’; sendo o ‘se’ o reflexivo que recupera o ‘nós’, ou ainda, que promove concordância com ‘damos’ e ‘gostamos’.

(10) Eu sempre vou. (inint) nós se damos bem, sabe? se gostamos bem, apesar de

2. Uma terceira variante

Dizíamos que, por ocasião da propositura de nossa pesquisa, de base laboviana, interessava-nos quantificar a presença e a ausência do reflexivo 'se' e de outros no exercício da função anafórica. Quando cumpríamos, entretanto, a etapa de coleta das ocorrências, com vistas à composição de pares mínimos, isto é, à organização das formas variantes em contexto sintático idêntico, constatamos que havia, entre os dados selecionados, aqueles que não atendiam aos requisitos do que chamamos de 'lexicalização' nem de 'vazio'. Não correspondiam, por exemplo, a um dado de emprego do reflexivo, como em (11), ou ao seu 'esquecimento', como em (12). Na verdade, o conjunto de 'novas realizações', como em (13), aos poucos vinha-se revelando como um recurso a mais para anaforizar³. A anáfora aqui tomamos como Monteiro: "um fenômeno pelo qual se correlacionam dois termos, apontando ambos para um mesmo referente" (MONTEIRO, 1994, p. 59). O autor cita, dentre os vários recursos anafóricos, a repetição, a sinonímia, a hiponímia e a pronominalização, esta última como recurso mais frequente.

- (11) É, depois que a gente – nós nos casamos, assim, parece que a gente (est) separou um pouco.
- (12) e carta vinha e carta vai e deu certo, né? (est) daí casamos.
- (13) Daí voltei e se casamos. Daí três anos se casamos.

Note-se que as três realizações podem ser empregadas em um mesmo contexto sintático e guardam o mesmo significado referencial que é determinado pela variante prestigiada da língua, a que está em (11) e se faz com a presença do reflexivo. Assumindo-se tal perspectiva, podemos afirmar que o contexto sintático de reflexivização em estudo não está (mais) sendo construído, no português do Brasil, com duas únicas formas de dizer, mas com três: a variante padrão, em (11); o vazio, em (12); e, por fim, a variante que chamamos de 'se universal', em (13).

O fato de o nosso objeto de pesquisa expressar uma variação não aleatória passa a favorecer a sua descrição, pois que a heterogeneidade ali revelada acabava por licenciar o seu estudo, especialmente no cotejo de fatores linguísticos e sociais. Noutras palavras, o *corpus* de nossa pesquisa enseja a investigação de aspectos linguísticos que resultam de empregos linguísticos concretos, donde também heterogêneos. E, mesmo assim, passíveis de sistematização, já que a "heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras" (NARO, 2003, p.15).

³ O dado em (11), *nós nos casamos*, é de Londrina; o dado em (12), *casamos*, é de Irati; e o que está em (13), *se casamos*, é também de Londrina.

No modelo sociolinguístico quantitativo laboviano, por conseguinte, toda língua é, por definição, diversificada (LABOV, 1972) e possibilita, com a pesquisa alicerçada em dados concretos de fala, que cada modo de dizer uma mesma coisa sirva a um projeto de descrição linguística que, por sua vez, não se faz sem a comparação com aspectos linguísticos (muitas vezes, inerentes às próprias línguas) e com aspectos sociais (sexo, localidade, faixa etária, por exemplo). É neste sentido que Faraco compõe intersecção entre língua, ou melhor, entre as variedades linguísticas (e suas singularidades) e os grupos sociais que delas se utilizam, ao afirmar que:

Cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas e socioculturais do grupo que a usa: como ele se constituiu, como é sua posição na estrutura socioeconômica, como ele se organiza socialmente, quais seus valores e visão de mundo, quais suas possibilidades de acesso à escola, aos meios de informação, e assim por diante (FARACO, 1991, p. 18).

Sob tais orientações, perguntamo-nos sobre quem é que diz o que está em (14) e em (15): se homem ou mulher, que idade tem, qual seu nível de escolaridade, onde vive. O primeiro dado, de Londrina; o segundo, de Irati. Ambos, reveladores de um uso que não encontra concordância entre o pronome sujeito (ou entre a forma verbal canônica) e o anafórico.

- (14) quando eu casei eu larguei do futebol, parei cedo por causa disso. Aí, eu se acomodei dentro de casa.
- (15) Nós se conhecemos desde pequenininho. (est) Ele tinha oito anos quando eu conheci ele.

Em (14), o ‘se’ recupera um ‘eu’ e, em (5), um ‘nós’. Noutras palavras, o ‘se’, reflexivo de terceira pessoa gramatical (ele, ela, eles, elas), passa, como ilustram os dados de que estamos tratando, a expressar identidade também com outras pessoas gramaticais – eu e nós, conforme demonstram os resultados que, a seguir, apresentamos. O que percebemos, linhas gerais, é que o reflexivo move-se entre (i) a sua lexicalização ou não: chamar (-se), classificar (-se), deparar (-se), revoltar (-se), como em (16)⁴; (ii) a hesitação em torno de seu emprego, como em (17)⁵; ou (iii) a escolha de ‘se’ como reflexivo de todas as pessoas gramaticais, como em (18)⁶.

- (16) Teve uma época aí o povo revoltou, saiu na rua querendo [cortar os] – derrubar os postes.

⁴ Em (16), a realização de fala corresponde a um uso de Londrina, PR.

⁵ Em (17), um mesmo informante de Irati (PR) ora pronominaliza o verbo (encontrar-se), ora não (encontrar). Sobre estes, assumimos que ambos os usos detêm um mesmo conteúdo referencial.

⁶ Em (18), o que temos é uma realização de fala da cidade de Curitiba (PR).

- (17) moram aqui em Irati, a gente volta e meia se encontra na rua, cumprimenta, tal. Mas a gente sempre encontra na rua, cumprimenta, conversa tal, né?
- (18) Então as meninas quando [eu] – elas vêem que eu começo [a] – a se prolongar no assunto, elas já caem na gargalhada.

No contexto sintático do 'se' universal, como em (18), acima, a propriedade reflexiva é expressa pelo 'se', preterindo-se o emprego de outros pronomes em igual função semântica. Nossa pesquisa apontou que 'me' e 'nos' estão cedendo lugar ao 'se'; o que nos permite lembrar Oliveira e Sousa quando explica essa mesma questão, ao afirmar que o uso do reflexivo *se*:

denota que a acção repercute no mesmo sujeito que a pratica. Por isso, ou por ser índice de acção recambiada, e não de agente, em nenhuma língua ele não tem nominativo ou caso recto, e é por isso que nos primórdios indo-europeus ele servia, qual hoje no eslavo, a qualquer sujeito, mesmo que este fosse da 1ª ou da 2ª pessoa: então, dizia-se, como os incultos de agora: eu se esqueci – nós se arrependemos. (grifo nosso) Mas, desde então, ao reportar-se à 1ª ou à 2ª pessoa, o reflexivo *se* podia ceder o passo aos seus concorrentes *me, te, nos, vos*, o que fez com que no itálico o uso das formas *sui, sibi, se* se restringisse à 3ª pessoa (OLIVEIRA E SOUSA, 1953, p. 214).

O que diz Oliveira e Sousa, antes, é que o 'se', a serviço da reflexivização, com sujeito agente e paciente (como no latim) ou não (simplesmente ação recambiada, ou de identidade), guarda o valor semântico da reflexividade. De natureza reflexiva, como é demonstrado diacronicamente, o 'se' vem a repetir, nos nossos dias, um comportamento dos 'primórdios indo-europeus', quando era concorrente de *me* e *te*; a que somamos os usos de hoje, com a inclusão de *nos*, à luz dos resultados de nossa pesquisa. Para o autor, o que pode explicar o espraiamento desse uso de 'se' é o fato de ele não ter nominativo (função sujeito, em latim) nem mesmo caso reto. Em resumo, o 'se' torna-se o bastante (o suficiente) para expressar o sentido reflexivo, em relação a toda e qualquer pessoa gramatical.

3. Resultados em torno de 'se' universal

Nossa amostra conta com 96 informantes (24 por cidade pesquisada, sendo 12 homens e 12 mulheres). Deste total de informantes, 45 empregaram, pelo menos uma vez, a forma do 'se' que chamamos de universal, o que representa 46,8% do total dos informantes do Projeto. Em números absolutos, são os homens (27), e não as mulheres (18), que lideram o uso da variante em questão.

Não pudemos relacionar nossos resultados nem à faixa etária dos informantes, nem ao nível de escolaridade destes. Especialmente em relação à escolaridade dos

informantes⁷, fazemos notar que, dentre os 45 que usam a variante ‘se universal’, 17 têm o primário; 17, o ginásial e 11, o colegial; o que significa que a opção pelo ‘se’ de todas as horas não é determinada pela variável faixa etária; contrariando, então, a afirmação de Oliveira e Sousa (1953), ao associar o que aqui discutimos com ‘os incultos de agora’.

Registramos, por fim, tomando o ‘se’ universal e sua distribuição por Localidade, o que está a seguir: (i) em Curitiba, são 7 informantes e 12 realizações; (ii) em Londrina, são 18 realizações por 11 informantes; (iii) em Irati, são 15 informantes e 32 ocorrências; (iv) em Pato Branco, são 12 informantes e 20 ocorrências. Esses números indicam que há, pois, realizações de ‘se universal’ nas quatro cidades pesquisadas do Paraná, previstas no Projeto Varsul.

Em Curitiba, o fenômeno em estudo ocorre, fundamentalmente, com os verbos ‘dar, gostar, conhecer e encontrar’; como em (19). Em Londrina, os verbos envolvidos na batalha em torno da reflexivização são, dentre outros, ‘separar, reunir, conversar, dar, encontrar, emocionar, acomodar, casar e manifestar’; como em (20). Em Irati, onde está o maior número de realizações com o ‘se universal’, considerando-se as quatro cidades pesquisadas, os verbos mais empregados nesse contexto são os seguintes: conhecer, olhar, livrar, mandar, preparar, associar, afastar, arrumar, reunir, envolver, lembrar, entender, achar, ver, visitar etc. De Irati, trazemos o dado em (21). Por fim, em Pato Branco, as 20 ocorrências envolvem os verbos ‘conhecer, criar, colocar, reunir, separar, desfazer, dar, encontrar, unir, aposentar’ e outros; como em (22).

(19) Essa amiga minha ainda é amiga até hoje de mim. Nós se damos até hoje.

(20) É, foi triste, né? [eu] – eu no caso, eu se emociono fácil também.

(21) Fiquei conhecendo ela aqui, nós se achamos aqui e estamos vivendo há seis anos juntos.

(22) Nunca se separamos assim ficar longe do outro, morar na cidade, nunca. Sempre em contato.

Como dissemos antes, nossos resultados trazem, preponderantemente, um ‘se’ que age também como redobro de ‘eu e nós’. É nosso dever, no entanto, fazer o registro de duas únicas realizações em que a forma imperativa canônica correspondente a ‘tu’ é posta em relação ao ‘se’; como em (23). A realização ‘Pára (tu) de se coçar’ diz respeito à cidade de Curitiba; e a ocorrência ‘se cuida (tu)’, de Londrina. Sobre ambas, podemos afirmar que, nas vezes empregadas, nunca se disse ‘pare de se coçar’ ou ‘se cuide’.

⁷ Os graus de escolaridade do Projeto são identificados por p de primário (4-5 anos de escolaridade), por g de ginásio (8-9 anos de escolaridade) e c de colegial (10-11 anos de escolaridade).

(23) Pára de se coçar. // É, se cuida que os bichos lá são feras.

Considerações Finais

Nossos trabalhos em torno do reflexivo 'se' e de outros pronomes em função reflexiva unem-se a outros que vêm indicando uma tendência: a de a língua falada favorecer o vazio anafórico. Para Silvio Elia, a questão é de purismo gramatical e, por isso, afirma que "os puristas não gostam de 'deparar com'; mas é da língua corrente, e há bons escritores que usam essa regência" (SILVIO ELIA, 1976, p. 61). O autor conclui, sobre a supressão de 'me', citando Casimiro de Abreu (1839-1860): "De repente entre os meus papéis deparei com um número já antigo do Brás Tisana". (grifo nosso)

Reportando-nos aos dados de nossa pesquisa, pudemos comprovar, e com abundância de dados, que o português brasileiro se utiliza de dois modelos formais de ausência de um termo: o sujeito e o objeto nulos. A uma pergunta do tipo 'Você viu Maria?', a resposta corrente costuma ser simplesmente 'Vi'; com a omissão do sujeito e do objeto gramaticais. De Pato Branco vem o dado em (24)⁸ que orna essa questão e, desta feita, ilustra o que Madureira (2002, p. 120) chama de recurso de simetria do sistema sintático. Ou ainda, analogia, nas palavras de Rocha Lima (1976, p. 309).

(24) E: É, e eles se conheceram aqui?
F: Conheceram.

Assumindo-se tal recurso de simetria, ou o que decorre por analogia, o apagamento não se daria somente com verbos de traço [+argumental], mas também com aqueles que podem trazer um 'se' de *uso lexicalizado*, conforme Abaurre e Galves (1996, p. 287), tais como "calar-se, referir-se, virar-se, lembrar-se etc". Nos dados de nossa pesquisa, é o que corresponderia ao exemplo de Londrina, em (25). Neste, notamos que o 'se' é lexicalizado na fala do entrevistador, mas não na fala do informante (F). E sobre este mesmo 'se', não se pode afirmar que seja argumento⁹ interno de 'acomodar' no contexto em questão.

(25) E: porque o povo se acomodou um pouco, também, né?
F: O povo acomodou.

⁸ Entenda-se E como entrevistador e F, como falante (o nosso informante).

⁹ À luz da teoria gerativa, argumento e adjunto são constituintes distintos. De acordo com Miotto *et al.* (2004, p. 84), essa diferença é devida à estrutura argumental do verbo: os argumentos são necessários e suficientes para a composição de uma cena que tem por núcleo um verbo; e os adjuntos, os constituintes que não podem ser argumentos do verbo.

Nós já nos despedíamos do ‘se’ (e de outros no exercício da mesma função) quando nos deparamos com a hesitação no uso dos reflexivos. Nestes contextos, como no de Londrina, em (26), constatamos a luta que se trava entre duas variantes - ‘o vazio’ e ‘a lexicalização’ de ‘se’: por vezes, num mesmo turno de fala, o informante emprega um mesmo item lexical, ora pronominalizado, ora não.

(26) Faz mais de dez anos. Não, ela se formou cedo. (est) A Regina formou.

Da dúvida sobre preencher ou não os espaços sintáticos com os reflexivos, chegamos a um lugar de resistência do ‘se’ reflexivo – agora, sozinho e como se único fosse para expressar o sentido reflexo. ‘Desrespeitando’ a pessoa do sujeito (que age ou é alguém sobre quem se diz algo), faz-se acompanhar de toda e qualquer pessoa gramatical. Na função de indicar a reflexividade, nos termos que assumimos em nosso projeto e que expusemos neste artigo, temos um só pronome que está a reinar e na boca de todas as gentes, não somente na dos pouco escolarizados.

Era já o reflexivo por excelência do português; agora quer ser o único. O motivo? Questão em estudo, mas provavelmente tenha relação com o que se tem chamado de ‘simplificação por que passa o esquema de conjugação verbal’ (MONTEIRO, 1994, p. 219): com *você, vocês e a gente* em lugar de *tu, nós e vós*, por exemplo, e com desdobramentos na redução das flexões número-pessoais a apenas duas ou três. É desse momento de instabilidade no sistema dos pronomes do nosso português que pode o ‘se’ estar se aproveitando para, aos poucos, dizer-se único em contexto reflexivo – uma hipótese em processo de testagem.

Referências

ABAURRE, Maria B.M. & GALVES, Charlotte. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. & BASÍLIO, Margarida (Orgs.). *Gramática do Português Falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, v. 4, 1996, p. 273-319.

BANDEIRA, Grace dos A. F. O apagamento de SE nas funções sujeito e objeto: um estudo variacionista com dados do Varsul do Paraná. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1966.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª edição. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Para a História do português brasileiro: observação sobre a presença de complementos verbais nulos e a ausência de clíticos de 3ª pessoa.

Hand-out de trabalho apresentado no XV Encontro da ANPOLL, 6 de junho, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ: 2000.

D'ALBUQUERQUE, A. A perda dos clíticos em um dialeto mineiro. *Revista Tempo Brasileiro*, 78/79 (Sociolingüística e ensino do vernáculo): 97-121, 1988.

DUARTE, M. Eugênia L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (Org.) *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p. 19-34.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

GALVES, Charlotte C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed., Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, p. 387-408.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Português ginásial: gramática e exercícios*. 11. ed. rev., São Paulo: Saraiva, 1964.

HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.

ILARI, Rodolfo; FRANCHI, Carlos & NEVES, Maria H. M. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. & BASÍLIO, Margarida (Orgs.). *Gramática do Português Falado. v. IV: Estudos Descritivos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP, 1996, p. 79-166.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEMLE, Miriam. Pronomes, Anáforas, Zero: observações sobre uma mudança lingüística. *D.E.L.T.A.* Vol 1, nº 1 e 2, 1985, p. 121-124.

LIMA, Bruno Fernandes Zenóbio de. O percurso diacrônico das construções com o pronome se na Língua Portuguesa como um processo de gramaticalização. Tese (Doutorado em Letras) -Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2006.

MADUREIRA, Evelyne Dogliani. Variação nas construções pronominais dos verbos psicológicos: uma decorrência de diferentes percursos históricos. In: COHEN, M. A. & RAMOS, J. (Orgs.) *Dialeto mineiro e outras falas*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2002, p. 109-130.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto, 1989.

MATTOSO CÂMARA JR., J. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 2. ed. refundida. Rio de Janeiro: Ozon editor, 1964.

MENON, Odete Pereira da Silva. Analyse sociolinguistique de l'indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, a partir des données du NURC/SP. Tese de doutorado, Université de Paris VII, Paris, 1994.

- MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo & VASCONCELOS, Ruth Elisabeth. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.
- MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.
- NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M.; BRAGA, M. (Orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-25.
- NUNES, Jairo. Ainda o famigerado SE. *D.E.L.T.A.* (11): 2, 1995, p. 201-240.
- OLIVEIRA E SOUSA, Eurípedes Olímpio de. *Noções de Gramática e de Língua Portuguesa*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953.
- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed., São Paulo: Ática, 2003.
- RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. 19. ed., Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1976.
- SAID ALI, M. *Dificuldades da Língua Portuguêsa*. 5. ed., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.
- SILVIO ELIA, Edmundo. *Ensaio de Filologia e Lingüística*. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.
- TARALLO, Fernando Luiz. *A pesquisa sócio-lingüística*. 7. ed., São Paulo: Ática, 2005.
- VEADO, Rosa Maria Assis. *Comportamento lingüístico do dialeto rural*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

Recebido em: 29/06/2020

Aceito em: 07/12/2023